

Arquidiocese de Niterói
Paroquia Nossa Senhora da Assunção
Cristologia – Pe. Marcelo Chelles – 2ª Aula

1. FUNDAMENTAÇÃO BÍBLICA

A CRISTOLOGIA DE SÃO MARCOS

Pode-se dizer que o Evangelho segundo São Marcos é o mais arcaico que se tem; apresenta passagens muito toscas e vivazes, das quais resulta uma imagem de Cristo marcadamente humana, mas também nitidamente divina.

Examinemos os seus principais traços.

Lição 1: Jesus, Verdadeiro Homem

1.1. Os afetos de Jesus

São Marcos põe em relevo especial as características da autêntica humanidade de Jesus:

- Ele geme e suspira profundamente: 7,34; 8,12;
- Ele se entristece pela dureza de coração dos fariseus: 3,5;
- Tanto se entrega à sua missão que não tem mais tempo para comer e, por isto, parece estar fora de si: 3,21;
- Tem grande amor às crianças: 9,36; 10,16.

Além destes, Jesus apresenta em Mc os traços humanos que os outros evangelistas também apontam: com veemência expulsa os vendilhões do Templo (Mc 11,15s), sofre atrozmente tanto no plano físico como no espiritual (14,32-42).

Esse Jesus é também dito

1.2. O Filho do Homem

“Filho do Homem” é expressão semita, que significa simplesmente “homem”. Ocorre 93 vezes em Ezequiel: 5,1; 6,2; 7,2; 12,2; 13,2... Em Daniel toma sentido messiânico (cf. Dn 7,1 3s); significa o Homem-Rei, Centro da humanidade e da história, que consuma a história¹.

Os apócrifos judeus usavam tal expressão para indicar o Messias.

No Evangelho de Marcos, tal título ocorre 14 vezes nos lábios de Jesus e nunca em frases próprias do evangelista. Disto se deduz que Jesus quis designar-se por este título, que assim pertence à coleção dos **ipsissima verba Christi** (as próprias palavras de Cristo).

Por conseguinte, “Filho do Homem” significa o Messias, que goza de certos poderes:

- perdoa os pecados (cf. Mc 2,10), como Deus os perdoa;
- é Senhor do sábado, como Deus o é; cf. Mc 2,28;
- virá consumir a história; cf, Mc 13,26; 14,62.

É de notar, porém, que o título **Filho do Homem**, expressão do poder e da glória do Messias, é associado, em Mc, ao título **Servidor de Javé**, que indica a missão sofredora e expiatória do Filho do Homem². Assim as três profecias da Paixão têm por sujeito o Filho do Homem: Mc 8,31; 9,31; 10,33s. Em Mc 10,45 são fundidos numa só sentença os títulos “Filho do Homem” e “Servidor de Javé”:

“o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos”

Ver ainda Mc 9,9-12; 14,21-41, passagens que evidenciam o aspecto sofredor e expiatório ou sacerdotal do Filho do Homem.

Combinando entre si os títulos de Filho do Homem e Servidor de Javé, Jesus indica a originalidade do seu Messianismo,: não seria apenas uma afirmação de glória e poder como esperavam os judeus, mas implicaria também o sofrimento em expiação dos pecados dos homens.

É de notar ainda outra diferença entre Jesus Messias e o Filho do Homem de Daniel 7,13s: ao passo que este é um personagem um tanto vago, que aparecerá no futuro, consumando a história, Jesus Filho do Homem é uma figura muito concreta, que desde já exerce a sua missão e realiza obras poderosas.

Assim o Messianismo de Jesus purifica e enriquece o conteúdo das expectativas dos judeus.

1.3. O Segredo Messiânico

Em Mc é especialmente notável a imposição do “segredo messiânico”. Com outras palavras: em Mc Jesus mesmo nunca aplica a si o título de “Messias”, embora tenha atuado como Messias, fazendo curas (Mc 1,40-45; 5,1-43; 7,31-37; 8,22-26), multiplicando pães (Mc 6,33-44; 8,1-10), entrando triunfalmente em Jerusalém (Mc 11,1-11)... Quando alguém confessava ser Jesus o Messias, Jesus impunha-lhe silêncio, fossem os enfermos curados (Mc 1,44; 5,43; 7,36; 8,26), fossem os discípulos (8,30), fossem os demônios (1,24.34; 3,11 s)... Por que tal imposição de silêncio?

— Jesus queria evitar falsas interpretações do Messianismo; para os judeus, este teria um caráter político e nacionalista, que não condizia com a missão de Jesus. S. Marcos, aliás, acentua muito as dificuldades de compreensão dos discípulos, muito impregnados de concepções meramente humanas: Mc 4,10-13; 6,52; 7,17-23; 8,17-21.

Somente após Páscoa é que os discípulos perceberam plenamente o plano do Pai e o mistério do Mestre.

Deve-se notar, porém, que a imposição de segredo não era tal que impedisse os discípulos de reconhecer paulatinamente a identidade messiânica de Jesus. Este se foi revelando, como o confessou Pedro em Cesaréia de Filipe (cf. Mc 8,29s), e morreu precisamente por atribuir a si as funções de Messias e de Filho de Deus; cf. 14,61-64.

Passemos agora a outro aspecto de Jesus.

Lição 2: Jesus, Deus Filho feito Homem

2.1. O Título “Filho de Deus”

A atribuição deste título a Jesus caracteriza bem o Evangelho de Marcos:

Mc 1,1: “Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus”. Exprime-se assim a fé do evangelista e dos primeiros cristãos.

Em Mc 3,11; 5,7 os demônios expulsos dos possessos proclamam Jesus como Filho de Deus. Esta confissão deve exprimir uma fé vaga e imprecisa.

Em Mc 1,11; 9,7 o Pai, no Batismo e na Transfiguração, aponta Jesus como seu “Filho amado”

Em Mc 14,61s, Jesus responde afirmativamente ao Sumo Sacerdote, que lhe perguida se “é o Messias, o Filho do Bendito”. Assim Jesus revela seu mistério plenamente, após as cautelas devidas para não ser mal entendido.

Em Mc 15,39 é o centurião romano quem, impressionado pela fortaleza de ânimo de Jesus, confessa: “Verdadeiramente esse homem era Filho de Deus!”. O centurião não deve ter percebido todo o alcance de suas palavras; mas, como quer que seja, o Evangelho de Marcos se encerra com a profissão de fé de um pagão, correspondente à profissão de fé dos cristãos colocada no título do Evangelho.

Este concerto de vozes que proclamam o Filho de Deus em Mc, é confirmado por sinais ou milagres realizados pelo próprio Jesus, como se verá a seguir.

2.2. Os milagres

S. Marcos, como bom semita que era, não fala da essência divina de Jesus; isto seria fazer metafísica, coisa pouco habitual aos semitas. Mas ele tenciona dizer que Jesus era Deus, mostrando que Jesus fazia obras que só Deus pode fazer.

Assim, em presença do paralítico Jesus lhe perdoa os pecados — o que escandaliza os circunstantes, pois só Deus pode fazer isso. E, a fim de dissipar o escândalo, Jesus cura o paralítico instantaneamente, manifestando assim o seu poder divino e o seu serdivino; cf. Mc 2,3-12.

Além deste, Jesus efetua dezenove outros milagres, segundo Marcos, evidenciando o domínio do Mestre sobre a tempestade e as forças da natureza (4,35-41), sobre as enfermidades (6,56), sobre a própria morte (5,21-43)...

Desta maneira Jesus é apresentado como um homem que atua como Deus. Procedendo assim, Marcos afirma as duas realidades: a verdadeira natureza humana e a Divindade de Jesus.

No Evangelho de Marcos os relatos de milagres representam 31% do texto; se consideramos unicamente os dez primeiros capítulos de Mc (que referem o ministério público de Jesus), a proporção chega a 47%. — Ora tão longa extensão das narrativas de milagres não se poderia entender, se não houvesse uma base histórica para tanto; isto é mais necessário quando se vê que grande parte desses milagres deve ter ocorrido perante multidões; eram atos públicos; donde se segue que a mentira ou a ficção dos Apóstolos neste particular teria sido facilmente denunciada. Por causa desse fundamento real ou histórico é que São Pedro, no dia de Pentecostes, pode fazer alusão aos milagres de Jesus (At 2,22), ciente de que nem os inimigos de Jesus poderiam negar que Ele curava enfermos e expulsava demônios.

Mais: quando o Sinédrio ou o Supremo Tribunal dos judeus procurou motivo para condenar a pregação dos cristãos, nada encontrou, a tal ponto que Gamaliel chegou a dizer aos colegas de tribunal:

“Deixai de ocupar-vos com esses homens. Soltai-os. Pois, se o seu intento ou a sua obra provém dos homens, destruir-se-á por si mesma; se vem de Deus, porém, não podereis destruí-los. Não aconteça que vos encontreis movendo guerra a Deus” (At 5,38s).

Mais: se Jesus não tivesse feito milagres impressionantes, não se explicariam vários tópicos dos Evangelhos: o entusiasmo do povo por Jesus; a fé dos Apóstolos na messianidade de Jesus; a decisão, dos sacerdotes e fariseus, de eliminá-lo precisamente porque realizava proclígios e vinha a ser uma ameaça para o poder deles; a íntima relação existente entre as “pretensões” de Jesus (de ser o Messias e o Filho de Deus) e os milagres-sinais por Ele efetuados...

Todos os títulos e feitos que São Marcos atribui a Jesus, têm uma finalidade única: mostrar que Ele é o Salvador. Vejamo-lo na Lição seguinte.

Lição 3: Jesus, Deus feito Homem para nos salvar

São dois os principais aspectos da Soteriologia (Doutrina da Salvação) segundo S. Marcos.

3.1. Perdão e destruição do poder do pecado

Chama a atenção do leitor de Marcos o grande número de exorcismos ou de expulsões de demônios atribuídos a Jesus. Parece mesmo que rechaçar o Maligno vem a ser uma síntese do programa de Jesus; “percorria as aldeias da Galiléia pregando e expulsando demônios” (Mc 1,39). Muitos dos milagres de Jesus se relacionam com exorcismos, inclusive o primeiro milagre: 1,23-26; ver 3,22; 5,1-20; 9,14-29. Jesus confia a seus discípulos a missão de fazer o mesmo: 3,15; 6,7.

Não se deve negar a historicidade de tais episódios, como se o demônio e a possessão diabólica fossem irreais. O demônio, na S. Escritura, é tido como “o Príncipe deste mundo” (Jo 12,31), “o Deus deste mundo” (2Cor4,4). Por conseguinte, Jesus, ao expulsá-lo dos homens, indicava o fim do reino de Satanás e a vinda do Reino de Deus (cf. Mc 3,22-27).

Quanto ao perdão dos pecados, Jesus o concedeu: cf. Mc 2,5-11. Além disto, comer com os pecadores (sinal, para os judeus, de comunhão de vida) implicava o perdão a eles concedido; Jesus mesmo disse que não veio curar os sadios, mas os pecadores, pois são os enfermos que precisam de médico (Mc 3,17).

3.2. Paixão, Morte e Ressurreição estão previstas num plano salvífico

Jesus não morreu apenas por se ter incompatibilizado com os fariseus e mentores do povo de Israel. A sua morte tem sentido mais amplo, já esboçado em profecias do Antigo Testamento que apresentam o Servo sofredor em resgate dos pecados. Isto transparece através do texto de Mc 10,45, já citado. Ele veio dar a vida em redenção (Iytron, em grego) de muitos — o que alude claramente à teologia da expiação proposta em Is 52, 13-53, 12. A própria instituição da Eucaristia dá origem à celebração de um sacrifício de resgate: “Isto é o meu sangue, o sangue da Aliança, que é derramado em favor de muitos” (Mc 14,24), afirmação esta que faz eco a Is 53,11: “O justo, meu servo, justificará a muitos”. O seu sangue, consciente e voluntariamente derramado, substitui o dos animais irracionais com que foi selada a antiga Aliança no monte Sinal: “Este é o sangue da Aliança que o Senhor fez convosco” (Ex 24,8). O sangue de Jesus inaugura uma nova e definitiva Aliança.

São estes os principais traços da figura de Jesus Salvador no Evangelho segundo São Marcos. Têm de se ser completados pelas linhas cristológicas traçadas pelos três outros Evangelistas.

1 “Eu continuava contemplando nas minhas visões noturnas, quando notei vindo sobre as nuvens do céu, um como Filho do Homem. Ele adiantou-se até o Ancião e foi introduzido à sua presença. A Ele foi outorgado o império, a honra e o reino, e todos os povos, nações e línguas o serviram. Seu império é um império eterno, que jamais passará, e seu reino jamais será destruído” (Dn 7, 13s).

2 O Servo de Javé, que expia os pecados dos homens, é descrito pormenorizadamente em Is 52, 13-53, 12.